SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO – SÃO PAULO
MESTRADO EM TEOLOGIA

A TRAGÉDIA DE NESTÓRIO

ORLANDO GOMES FERREIRA

ENGENHEIRO COELHO – SP
1984

SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO – SÃO PAULO
MESTRADO EM TEOLOGIA

A TRAGÉDIA DE NESTÓRIO

Dissertação
Apresentada em Cumprimento Parcial
Às Exigências do Curso de
Mestrado em Teologia

ORLANDO GOMES FERREIRA

ENGENHEIRO COELHO – SP
1984

HOMENAGEM

A Deus, na Pessoa de Jesus Cristo, que se tornou Homem para sentir e resolver o problema do homem caído; por Ele, o elo que une Terra e Céu.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Horne Pereira Silva, a quem acompanho desde o início de minha vida Universitária e tenho agora como conselheiro deste trabalho.

DEDICO

À minha esposa, Lucinete Ferreira, incansável companheira e constante inspiração de meus ideais.

Aos rebentos:

Kenia Amazonita

Kelvin do Amazonas

Kendall do Capiberibe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6
1.1 O Problema 6
1.2 Objetivos 7
1.3 Limites 7
1.4 Metodologia 7
1.5 Definição do Termo 7
2 RASGOS BIOGRÁFICOS DE NESTÓRIO 9
2.1 Filiação e Pátria 9
2.2 Educação e Vida Religiosa 9
2.3 Expansão da Heresia Nestoriana 12
3 PENSAMENTO TEOLÓGICO DE NESTÓRIO 14
4 RESPALDO DE NESTÓRIO 20
5 REFUTAÇÃO TEOLÓGICA A NESTÓRIO 23
6 NESTÓRIO E A CRISTOLOGIA ATUAL 27
6.1 Pensamento Católico 27
6.2 Pensamento Protestante 30
6.3 Pensamento dos Adventistas do 7º Dia 31
7 CONCLUSÃO 34
BIBLIOGRAFIA 38

1 INTRODUÇÃO

Incontestavelmente, hoje a sociedade moderna se caracteriza por conflitos e catástrofes dos mais variados aspectos. A variedade e desordens não se limitam ao campo político, social ou mesmo físico; porém, mesmo no mundo religioso, as guerras teológicas já alcançaram proporções desastrosas, cujas consequências não são menos qualificadas.

Através dos meados da história da Igreja Cristã na terra, surgiram tempestades teológicas que, por algumas vezes, ameaçaram ruir os alicerces da fé que uma vez foi entregue aos santos.

É neste contexto, que nos primeiros séculos brotam as controvérsias cristológicas, e, entre elas, a “tragédia de Nestório” (TUECHLE, 1964, p. 277), como foi designada a conclusão da controvérsia, cristológicos nestorianos ou, como alguns preferem, heresias de Nestório.

Sendo que a borrasca que sacudiu as estruturas da fé cristã projetou-se ameaçadoramente sobre a pessoa de Nosso Senhor e Salvador Jesus, logicamente se fazia necessário que indivíduos, instituições e até organizações religiosas se envolvessem como protagonistas que estariam uns vitoriosos e outros cantando o seu próprio funeral.

1.1 O Problema

Diante deste passado, cujas consequências macularam e ainda macula o presente, o autor levanta um problema que será analisado na presente pesquisa: É possível localizar Nestório no contexto histórico, de tal maneira que situemos sua filiação e pátria, sua educação, sua religião, seu ministério e frutos deste? Sua teologia e defesa exagerados da divindade e humanidade de cristo ocuparam os parâmetros que mediam os pais da Igreja? Em que Nestório baseava seu ponto de vista e era essa tábua de real sustentação? Quem teria contribuído para pôr em evidência a heresia de Nestório? Finalmente, é a Cristologia atual ortodoxa, coerente ou liberal?

1.2 Objetivos

O objetivo deste trabalho é pesquisar da melhor maneira possível as fontes disponíveis que possam proporcionar uma contribuição de mais fácil acesso aos interessados no assunto em pontos. O autor deseja ter uma definição dos escritores e teólogos que opinam e até determinam as linhas diretivas que norteavam o caso Nestório.

1.3 Limites

O presente trabalho limita-se à análise das pesquisas feitas pelo autor, não pretendendo sair dos contextos éticos e teológicos e a sua aplicação, que é o contexto de Nestório e o pensamento da teologia atual. As fontes de pesquisas serão limitadas à história, à ética e à teologia sistemática. Isso significa que enciclopédias, livros de teologia sistemática e dogmática e a história eclesiástica determinam e delimitam a vontade do autor.

1.4 Metodologia

Naturalmente, o contexto histórico e teológico são pontos de partida para o exame do problema. Não aparecerá análise exegético-textual nem contextual, partindo do ponto que o problema em pauta não requer obrigatoriamente o texto bíblico. O autor apresentará também o equilíbrio histórico analítico e pessoal. Conclui com uma posição não eclética, sem contudo, tomar partido ou preferência exagerada por qualquer historiador, teólogo, instituição ou pessoa discutido e comentado neste trabalho.

1.5 Definição do Termo

Para melhor compreensão do pensamento do autor e do desenvolvimento deste trabalho, alguns poucos termos serão definidos:

1. Controvérsia Cristológica Nestoriana: toda crise histórica e teológica que possa incluir em seu contexto o pensamento de Nestório.

2. Heresia Nestoriana: a crise propriamente dita, seu desenvolvimento e as sequelas deixadas não só em pessoas como na história eclesiástica.
3. Concílio de Éfeso: É tomado, estudado e concluído como matadouro de Nestório e suas heresias. Embora o ápice da condenação do patriarca, mesmo morto, tenha sido Calcedônia (451 AD); Éfeso é que define a questão definitivamente e sem discussão.
4. Caso Nestório: Frequentemente usado pelo autor como economia pessoal e gosto próprio, no sentido abarcante de todo o problema.
5. *Theotókos*: Sempre aplicado, mesmo fora de citação de obras, para indicar não só a “mãe de Deus” como, sempre que se refere a Maria simplesmente, no sentido de ser a mãe de Jesus.
6. *Cristotókos*: Explicando o argumento de Nestório, indicando Maria como mãe do homem-Deus.

2 RASGOS BIOGRÁFICOS DE NESTÓRIO

Não existem dados históricos que falem da paternidade de Nestório e nem de sua filiação. Frequentemente, as obras, quer sejam históricas ou teológicas, apresentam apenas um nome, que é Nestório, não deixando margem para se conhecer seus pais e nomes completos. O mundo enciclopédico o detecta como religioso e herético, posteriormente.

2.1 Filiação e Pátria

Não há nada sobre seus pais, porem os historiadores são unânimes em declarar que a Síria foi sua Pátria. “Nasceu depois de 381, em Germanécia, na Síria Eufrática” (STELLA, s/d., p. 63). Outra fonte é mais enfática quanto à data do nascimento e diz que Nestório “nasceu em Germanicia (Síria) pelo ano 380” (GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, v. 18, p. 807).

2.2 Educação e Vida Religiosa

Segundo Philip Schaff, Nestório foi “provavelmente educado no Antioquia sob Theodoro de Mopsuéstia” (SCHAFF, 1891, p. 1629). Bustolaso Stella, afirma que formação teológica foi da Escola de Antioquia e provavelmente Nestório teria sido discípulo do mestre Theodoro de Mposuéstia” (STELLA, s/d., p. 63). A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira é categórica e assim declara:

> Foi discípulo de Theodoro de Mopsuéstia em Antioquia. Professou a vida monástica nesta cidade onde foi ordenado de presbítero e se celebrizou como orador eloqüente, fama que fez com que Theodósio II o promovesse a Patriarca de Constantinopla (ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, 1891, p. 1629).

Pelo exposto, conclui-se que a educação de Nestório foi mesmo na escola antioquiana e na própria Antioquia encetou sua vida monástica. Foi padre da mesma cidade e, “em 428, era monge no mosteiro de Eupróprio quando foi nomeado patriarca” (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO, 1954, p. 831).

Em seu ministério e na Controvérsia, Nestório parece ter sido militante consciente de sua missão. “Como padre e presbítero, por sua vida asceta, zelo na

causa da ortodoxia e sermões, obteve uma grande reputação em Antioquia" (ibid., p. 1629). Com a fama de bom orador, arrebatou do púlpito aplausos de todos.

> A impressão que ele causou nos bispos presentes a sua consagração, foi exatamente favorável e rapidamente manifestou grande zelo contra os heréticos, destruindo o lugar de adoração dos iranianos em Constantinopla no 5º dia depois de ter sido entronizado (SCHAFF-HERZOG, 1963, p. 123).

É possível que Nestório, com exagerado zelo por sua missão, tenha transformado seu ideal num pesadelo, cuja ressonância extrapolou os parâmetros da paciência do clero romano e do alexandrino, além de ferir os calcanhares de Cirilo, conceituado bispo de Alexandria e, de acordo com as declarações seguintes, foi visceralmente o maior inimigo de Nestório. Sabe-se então que "a controvérsia nestoriana se originou tanto na rivalidade eclesiástica entre os bispos de Roma, Alexandria e Constantinopla, como no esforço para encontrar a verdade" (BAKER, 1974, p. 75).

"Com o caso Nestório se indica um dos capítulos mais complicados da história eclesiástica" (HUGHES, 1963, p. 78). Mas o que foi mesmo o caso Nestório? Em capítulo posterior deste trabalho, o autor responderá à pergunta, além de abordar as implicações teológicas; no entanto, à guisa de mais clara elucidação, aqui aparecem os sete elementos que fizeram explodir a controvérsia nestoriana:

> 1) Os erros de Nestório; 2) A fé tradicional defendida por Roma, por Alexandria e Antioquia; 3) a posição das definições teológicas adaptadas por Alexandria e Antioquia, que não diferiam tanto na essência como em sua expressão/ 4) a dissenção triangular ao longo de 40 anos indispondo entre si as sedes de Alexandri\, Antioquia e Constantinopla; 5) a mania imperial de dirimir essas e o de todo litigiante, excetuado o papa. De recorrer ao apoio do imperador para esses assuntos; 6) as personalidades de: Cirilo, autocrático; Nestório inquieto, titubeante e presunçoso; Theodoro (o chefe antioquieno), teólogo mais erudito que Cirilo e mais hábil escritor, convencido até o dia de sua morte de que Cirilo era um apolinarista; 7) a grande distância de Roma e sua dependência de Alexandria como do delegado desta no Oriente (ibid., p. 48).

"Nestório, Cirilo e outros tinham como 'nó' da questão, o emprego do título: Mãe de Deus, aplicado a Maria" (CRISTIANI, 1962, p. 36).

Nestório, zeloso e ortodoxo como era e, ainda, sendo fruto de uma escola cujos mestres defendiam com ardor a distinção das naturezas divina e humana, tomou posição radical no que diz respeito a Maria ser Mãe de Deus.

> Para salvaguardar a distinção entre natureza divina e natureza humana do Filho de Deus encarnado, preferiu chamar a Maria de Christotókos, literalmente: Aquela que dá à Luz a Cristo. Contra Nestório, o Patriarca de Alexandria, Cristo, usa o termo Theotókos, literalmente aquela que dá a luz a Deus (KUNG *et. al.,* 1983, p. 79).

Na história das controvérsias da igreja cristã, surgiram as heresias e, em consequência, os mártires. Nestório, por suas atitudes precipitadas, viveu os tempos de um princípio filosófico, que determina causa, efeito e consequência. A controvérsia e a heresia cristológica constituíam a causa e o efeito de um princípio defendido por Nestório que, como consequência, lhe valeu como prêmio o exílio e o título de mártir da heresia que trouxe o seu nome.

A apostasia da Igreja nos séculos IV e V, teve como patrocínio a propalação exagerada das heresias.

> Podemos distinguir algumas (heresias) de caráter independente e os três grupos de as trinitárias cristológicas e soteriológicas. As trinitárias se referem à Santíssima Trindade; a) Arianismo, negava a divindade do Filho; b) Mededomanismo negava a divindade do Espírito Santo. O grupo soteriológico se relaciona com a *soteria*, isto é, a salvação do homem. São: a) Pelagianismo: Segundo ele o homem não necessita de graça interior para fazer o bem; b) Semipelagianismo: Defende que, ao menos para o *imitium fidei*, o homem não necessita da graça. As heresias Cristológicas, constituem u grupo dividido assim: a) Aposta; b) Monofisitismo, defende uma só natureza em Cristo; c) Monotilismo, defendia que em Cristo há uma só vontade física; d) Nestorianismo, afirma que a humanidade e a divindade em Cristo formam uma só pessoa (LLORCA, 1956, p. 52, 53).

Nestório entrou na guerra tendo como inimigo a “oposição da escola de Alexandria, a ortodoxia exagerada e a rivalidade político-eclesiástica do patriarca de Alexandria” (BEHLMEYER, 1964, p. 275).

2.3 Expansão da Heresia Nestoriana

O nestorianismo é a designação adotada na história da igreja, para a doutrina que afirma ter nosso Senhor dupla personalidade" (HODGE, 1964, p. 401). Com a definição supra, foi possível entender que a heresia nestoriana foi planada na história da Igreja primitiva justamente quando o solo ideológico e teológico dos séculos primeiros fazia-se fértil, graças à política eclesiástica e o ciúme entre si das escolas teológicas de Alexandria e Antioquia. As raízes nestorianas ultrapassaram fronteiras geográficas.

> A Pérsia tornou-se centro principal do nestorianismo, que aí fundou uma igreja nacional independente. Na Ásia interior, Turquestão, Índia, China e Mongólia, o Cristianismo penetrou pelo zelo missionário dos nestorianos persas. Os jesuítas em 1625, na china, descobriram lápides em sepulcros cristãos que falam da atividade missionária de um monge, Olopen e a ereção de um mosteiro nestoriano nos anos 635-638 (TUECHLE, 1964, p. 220, 221).

Esta expansão e influência nestorianas tem, através de séculos, sobrevivido como igreja separada dos vendavais das oposições do clero em geral. De acordo com o que se declara, "Seus adeptos [de Nestório] na Pérsia estabeleceram uma igreja que tem continuado através de séculos" (BAKER, 1974, p. 75).

A conceituada Enciclopédia Britânica define o que são nestorianos e fala de sua expansão.

> Nestorianos - historicamente, são aqueles cristãos 'da Ásia Menor e Síria que recusaram aceitar a condenação de Nestório e de seus ensinos, pelo Concílio de Éfeso' (431). Nos tempos modernos, são representados pela Igreja do Oriente. Muitos destes membros, talvez 100.000, vivem no Iraque, Síria, e Irã. Nos Estados Unidos, são ao redor de 3.000; a língua litúrgica da Igreja é o siríaco. Há uma variedade de ritos. No serviço da comunhão são usadas três diferentes repetições: de Addai e Mari, de Theodoro de Mopsuéstia e de Nestório (ENCYCLOPEDIA BRITÂNICA, 1768, p. 251).

Em toda a história da vida de Nestório, sua biografia não lhe ofereceu flores nem glória, porém, um fim que não esperava. "Finalmente foi condenado no terceiro concílio ecumênico, que se reuniu em Éfeso em 431" (GONZÁLEZ, 1981, p. 93).

> Depois de ter passado quatro anos num mosteiro, perto de Antioquia, onde já decorrera parte de sua juventude, foi desterrado para um Oásis, no Alto Egito. Seus trabalhos foram condenados e queimados por ordem de Teodório II, em 435; restam apenas fragmentos de alguns sermões e do Bazar de Heráclides que é uma defesa dos seus ensinamentos, escrita nos últimos anos de sua vida (DAVIES, 1967, p. 299).

Um historiador diz que, em consequência da luta teológica, “Nestório ficou no exílio a maior parte do tempo, talvez no Egito e, frequentemente, em grande angústia física e mental” (LATOURETTE, 1958, p. 217).

O mesmo historiador, Latourette, supra citado, descreve os dias finais deste mártir da cristologia. “Nestório derrotado, acabrunhou-se por longos anos do desterro. Maltratado e perplexo, morreu na obscuridade” (ibid., p. 217, 218).

Quanto ao pensamento teológico de Nestório, naturalmente já assaltando a curiosidade do leitor, será tratado em seguida.

3 PENSAMENTO TEOLÓGICO DE NESTÓRIO

Parece que Nestório, ao ser levado para Constantinopla pelo Imperador Teodósio II em 428 (ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL, v. 3, p. 7838), sentiu-se com maior vigor moral e, consequentemente, disposto a enfrentar um problema que, sem previsão, não conseguiu a solução desejada.

Como se sabe, sendo Nestório afilhado do imperador e por este feito Patriarca de Constantinopla (NICENE AND POST-NICENE FATHERS OF THE CHRISTIAN CHURCH, 1955, p. 169), assumiu o compromisso de acabar com todos os heréticos da terra, não sabendo que o feitiço poderia cair sobre o feiticeiro. Em seu sermão de posse do patriarcado, após sua ordenação em 10 de abril de 428, diante de toda a população, dirigiu-se ao imperador e pronunciou estas famosas palavras: “Dá-me, meu príncipe, a terra expurgada dos heréticos e eu te darei o céu como te recompensa. Ajuda-me na destruição dos heréticos e eu te ajudarei na conquista dos Persas” (idem).

Virgem Maria: *Chistotókos* ou *Theotókos*.

Era corrente nos séculos IV e V entre os teólogos a preocupação quanto à integridade da pessoa de Jesus Cristo e, com isso, fluíam também as discussões quanto à Virgem Maria. Nestório, embora demonstrasse estar mais interessado no caso cristológico, foi realmente derrotado pela questão e o assunto mariológico.

“Has God a mother? The Creature has not borne him who is increate” (SCHADD; SCHHOFF-HERZOG, 1891, v. 3, p. 1629).

Schoff apresenta esta pergunta de Nestório, como um argumento que não é tarefa fácil desmontar, pois se Maria era realmente a Mãe do Criador, é paradoxal e incoerente às mentes abertas, aceitar o incriado ser oriundo do criado.

> O célebre bispo de Constantinopla, relutou contra a proclamação de Maria como *Theotókos*, Mãe de Deus, porque Maria só podia ser chamada ‘mãe da natureza humana Jesus’, de modo algum, de sua natureza divina. Conforme geralmente se compreende a teologia nestoriana, as duas naturezas confundiam-se com duas pessoas, natureza sendo para Nestório, sinônimo de pessoa (BERKOUWER, 1964, p. 54).

Embora tecnicamente a crise fosse Cristológica, era fora de dúvidas que Maria estava envolvida com o problema, como comenta Conzens.

> Para ter mais clara ideia da divindade de nosso Senhor e da realidade de Sua encarnação, uma das definições que mais diretamente se seguiram, foi a exaltação de Maria. Cristo era verdadeiro Deus. Assim pois, Deus se fez Filho de Maria, e ela foi chamada em consequência *Theotókos*, quer dizer, Mãe de Deus; este título foi livremente empregado e jubilosamente contado em qualquer parte e particularmente em vários lugares do Oriente (COZENS, 1964, p. 60).

Como o pensamento teológico de Nestório era de que em Cristo havia "duas pessoas, uma divina e outra humana, somente desta é que Maria, a virgem, era mãe" (D'OLIVEIRA, 1970, p. 765), Nestório recusava chamar a virgem Maria de *Theotókos*, "Mãe de Deus", e asseverava que ela não era Mãe do Filho eterno e divino, mas do Jesus humano (BAILLIE, 1964, p. 99, 100).

Essa recusa de Nestório baseava-se no argumento de seus velhos mestres, Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia.

> O primeiro falava de uma simples habitação do *logos* no homem como num templo e distinguia dois Filhos de Deus em Cristo, um natural e um adotado por graça e chamado Filho de Deus em sentido próprio. Teodoro não admitia uma encarnação propriamente dita, pois a seu ver ela importava a transformação do logo num homem. A sua persuasão derivada de Aristóteles, que nenhuma substância (natureza) é perfeita se carece de personalidade, o leva também a pôr duas pessoas em Cristo (TUECHLE, 1964, p. 274).

Quanto à colocação de Maria na Dinâmica cristológica, com essa maneira distinta de separar naturezas e arranjar duas pessoas para o Filho de Deus, a consequência era fazer:

> Nascer de Maria não o Filho de Deus, mas um homem no qual habitava Deus, e chamava a Maria não 'Mãe de Deus' (*Theotókos*), com um título usado talvez. Já por Hipólito de Roma, e certamente por Orígenes e pelos alexandrinos desde o século III, mas somente 'Mãe de Cristo' (*Christotókos*) (idem).

Nestório não aceitava a colocação Deus-homem e defendia a dualidade, Deus e homem.

"Portanto era próprio dizer que Maria trouxe à existência à humanidade de Cristo, mas ela não trouxe à existência o Filho de Deus. She was the 'mother of Christ' (*Christotókos*), or the 'receptive organ of Go' (*Theodóxos*)" (SCHADD; SCHHOFF-HERZOG, 1891, v. 3, p. 1630).

É primário saber que *Theotókos* é um dogma católico e, sendo o frade Germanécio um líder de escola, cabia aos que eram responsáveis pela conservação de uma perfeita monologia agirem energicamente sobre a afronta de quem tinha sob sua tutela a capital do império no Oriente, Constantinopla. Nestório desconheceu tudo, e continuou chamando a Maria "*Christotókos* e não *Theotókos*, quer dizer Maria, Mãe de Cristo, porém, Mãe de Deus não" (ENCICLOPÉDIA LABOR, v. 9, p. 794).

Numa palavra, o Dicionário Tudo, editado por Civita, define Nestório e analisa as consequências de sua heresia.

> Patriarca de Constantinopla, 428-431, condenado pelo Concílio de Éfeso em 431, por rejeitar o titulo de 'Mãe de Deus' aplicado à virgem Maria e sustentar a existência de duas pessoas separadas em divina humana e Cristo Jesus (TUDO – DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO, 1977, p. 920).

Rechaçar o pensamento de Nestório foi a principal intuição do Concílio de Éfeso (431), e Cirilo de Alexandra confirmou o dogma da maternidade divina de Maria que compreende duas verdades:

1. Maria é verdadeira mãe, quer dizer, tem contribuído na formação da natureza humana de Cristo com tudo que as outras mães têm na formação do fruto de suas entranhas.
2. Maria é verdadeira mãe, quer dizer, concebeu e deu à luz a segunda pessoa da Santíssima Trindade, embora não quanto à natureza divina, mas quanto à natureza humana que havia assumido (OTT, 1966, p. 310, 311).

Natureza e Pessoa. É tarefa de quem pesquisa a natureza e pessoa divinas deter-se na união hipostática, no ato de encarnação do *Logos* feito carne.

Na preposição do dogma da trindade, "a igreja empregou os conceitos filosóficos de essência, natureza, substância, hipóstases e pessoa" (ibid., p. 128).

Os conceitos de essência, natureza e substância designam a essência física da pessoa de Deus, comum às três divinas pessoas, quer dizer, a todo o conjunto das perfeições da essência divina. Pessoa é uma hipóstase racional (*Hypostasis rationalis*) (idem).

A natureza divina e a humana se acham em Cristo unidas hipostaticamente, quer dizer, em unidade de pessoa (de fé) (ibid., p. 235).

É explícito que, por princípio, para que haja uma união, é necessariamente obrigatório que duas unidades se encontrem. Este encontro, logicamente, é chamado começo. Aqui surge então a pergunta: em relação ao *logos*, quando se deu o começo e qual a duração da união hipostática?

> A união hipostática da natureza humana de Cristo com o Logos divino teve lugar no instante da concepção (de fé). A união hipostática não se interrompeu jamais. A união hipostática nunca cessará. A morte de Cristo rompeu a união do seu corpo, porém não rompeu a união que havia entre sua divindade e sua humanidade (ibid., p. 243, 244).

Aos olhos de Nestório, como já se fez notório, Cristo não passava de um homem, em quem o Verbo de Deus tinha residido como templo, por isso “distinguia em Jesus duas pessoas: uma humana e outra divina” (ENCICLOPEDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL, v. 3, p. 7838).

Nas declarações de Nestório, observa-se sua dificuldade em compreender a encarnação no que tange à natureza e pessoa. A. G. Strong, em sua *Systematic Theology*, deixa claro que Nestório, porque parecia não entender a encarnação, fazia questão de dizer que não gostava da frase “Maria, mãe de Deus” (STRONG, 1964, p. 671).

> O nestorianismo não defendia a real encarnação, - somente uma aliança entre Deus e homem. Depois da descoberta dos gêmeos siameses, Chang e Eng, homem e Deus estão juntos novamente. Mas a encarnação não é meramente num alto grau de mística união. Mas o Cristo de Nestório foi simplesmente um homem deificado, não Deus incorporado, - ele foi debaixo, não do alto. Se Ele foi exaltado à união com a divina essência, sua exalação foi apenas de um homem individual (ibid., p. 671, 672).

Nos tempos modernos e com o conhecimento teológico amadurecido, a facilidade de expressar-se bem e ser compreendido também; mais condições para diálogo, mais tolerância aos rebeldes e menos ambição pelo poder religioso; com todos estes adendos na agenda de Nestório e seus opositores, é possível que este trabalho estivesse sendo feito por outro ângulo de história eclesiástica. Peorlman equacionaria a questão assim:

> Como o sabem todos os crentes, a encarnação significa que Deus (quer dizer, o Filho de Deus) se fez homem. Isto não significa que

> Deus se converteu em homem, nem que Deus deixou de ser Deus e começou a ser homem; mas que permanecendo como Deus, assumiu ou tomou uma nova natureza, quer dizer, a humana, unindo esta natureza à divina em um só ser ou pessoa: Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem (PEORLMAN, 1977, p. 161).

A preocupação de Nestório é interpretada por Muiread, que elucida a teoria do frade do ponto de visa radical sobre a natureza e pessoa de Jesus.

“Afirmou que as duas naturezas de Cristo agiam em harmonia e tão distintas como constituindo uma personalidade dupla, declarando ainda que Cristo era Deus e homem e não Deus-homem” (MUIREAD, 1951, v. 1, p. 150).

Camisola da Divindade. Não é possível esconder ojeriza de Nestório quanto à aceitação do Logos encarnado; tudo argumentava para descartar a união da natureza humana com o Verbo, como sendo um ensino ocidental. O *Logos* habitava em sua natureza humana da mesma forma que nos cristãos, apenas em grau superior. O modo consubstancial com Deus e a união hipostática não eram também aceitas por ele nem por seus mestres.

Algumas ocasiões nos excessos de ortodoxia naturalmente, tentou arranjar vestido para divindade como se Cristo fosse uma camisola para vestir Deus.

> Mantinha Nestório quem em cristo não só existiam duas naturezas distintas, como também dois seres distintos. Nestório considerou a união da natureza humana com o Verbo como algo ocidental. Chamou a natureza humana vestido ou templo da divindade e estabeleceu uma ampla separação entre os atos da natureza humana e aqueles da pessoa divina. Ao fazer isto pôs em evidência seu errôneo uso do termo pessoa, considerando que os atos são atos não das naturezas, mas das pessoas (COZENS, 1964, p. 64, 65).

Por influência da escola onde se preparou e dos ensinos de Theodoro de Mopsuéstia, seu mestre em teologia, conclui L. Berkhof, que eram inarredáveis suas posições.

> Theodoro do Mopsuéstia e Nestório acentuaram a completa humanidade de Cristo e conceberam a habitação do *Logos* nEle, como uma morada espiritual unicamente tal como também gozam os cristãos, os crentes, embora não no mesmo grau. Vieram a Cristo um homem em igualdade com Deus, em aliança com Deus, participante do propósito de Deus, porém, não em unidade com Ele, a unidade de uma só pessoa, - mas um mediador como composto de duas pessoas (BERKHOF, 1969, p. 363).

Como não bastasse, sua intrepidez o conduziu a negar a substância total e o ato hipostático.

Nestório pregava que havia duas pessoas em Jesus Cristo e que a união das duas naturezas não se verificava de modo substancial e hipostático (GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSE, v. 10, p. 4775).

Na conclusão do pensamento teológico de Nestório, é claro concluir-se que, até sua morte, manteve Maria como *Christotókos*, nunca abriu mão das duas pessoas de Cristo e sempre desconheceu a hipóstase.

4 RESPALDO DE NESTÓRIO

É prudente que se saiba que Nestório não estava só nesta luta cristológica. Mesmo que a heresia tratada neste trabalho traga seu nome, e tendo sido ele mártir, se faz necessário e óbvio saber que o respaldo às suas prédicas era dado por fortes avalistas. Na Escola de Antioquia, dois ilustres professores são acusados de “os verdadeiros fundadores do nestorianismo” (BEHLMEYER; TUECHLE, 1964, v. 1, p. 274, 278).

> Escolas Teológicas. Dois antioquinos de nascimento, de nobre prosópia, formavam a glória da escola exegética de Antioquia. Desdoro foi abade estimadíssimo e presbítero de Antioquia, bispo de Tarso desde 378, morreu em 398. Teodoro foi seu discípulo e bispo de Mopsuéstia na Cicília e amigo de juventude de São João Crisóstomo, também antioqueno, uma das personalidades mais características da igreja, e como comparação, a partir do VI século, João foi chamado de Crisóstomo ou seja “Boca de ouro”. Estes dois (Deodoro e Teodoro) são considerados os pais do Nestorianismo (ibid., p. 389, 392).

Nestório não podia sentir-se mais entusiasmado, pois sendo tutelado por tantas ilustres figuras e tendo como agência mantenedora e divulgadora a Escola que rivalizava com a Escola de Alexandria, era-lhe próprio ficar com o que aprendera.

A escola de Edessa, fundado por Santo Efrém, que morreu em 373, esposou a causa nestoriana além da ação missionária entre pagãos (idem).

> A condenação de Nestório e seus ensinos pelo Concílio de Éfeso, foi grandemente resistida nas igrejas da Ásia Menor e Síria. O centro de resistência foi a celebre Escola de Edessa. Escola de Teologia, na Síria Oriental, (Moderna Urfa, Turk); a escola rigorosamente aderiu a tradição Antioquena igualmente representada por Nestório (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 1972, v. 16, p. 251).

Considerando que o homem é o produto do meio, Nestório viveu com toda intensidade o que aprendera aos pés de grandes mestres e nos bancos da grande escola grega da época, que era Antioquia.

Quanto aos mestres, não vai ter redundância nas fontes abaixo, como possa parecer à primeira vista; no entanto, quanto maior for o aprendizado sobre aqueles que influenciaram o monge antioqueno, tanto menos será aos olhos do investigador

o grau de condenação sofrido pelo mártir Nestório. Impressiona o conceito de Strong quanto à influência de Theodoro. “Nestórius adopted and popularized the doctrina of the famous Theodoro of Mopsuéstia” (STRONG, 1964, p. 671, 672). O nestorianismo teve como defensores a Nestório, o que emprestou o nome de seus mestres: Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia, estes propuseram as idéias” (LLORCA, 1956, v. 2, p. 225).

Veja-se que um dedicado aluno e um esmerado professor se ajustam muito bem em tempo e espaço. Sem sombra de dúvidas, orgulhava-se ao ouvir Nestório, as referências, títulos e adjetivos.

Deodoro, o principal doutor de Antioquia, bispo de Tarso desde 378, tentara opor ao Filho de Deus, consubstancial ao Pai, o Filho de Davi, nascido da Virgem. O Filho de Davi teria sido apenas o tempo do Filho de Deus.

> Deodoro, excelente bispo e teólogo, queria salvaguardar a unidade moral de Cristo, mas não percebia que a defendia, apenas com palavras. Na realidade, parecia admitiria duas pessoas, no mesmo Cristo: uma pessoa divina e outra humana (CRISTIANI, 1962, p. 36).

Outro nome notável citado por vários autores é o de Anastácio. Capelão da paróquia onde Nestório assistia, viera com ele de Antioquia para a capital do Império (BEHLMEYER; TUECHLE, 1964, v. 1, p. 274). Deduz-se daí que além da confiança que Anastácio inspirava em tutor, dava-lhe também crédito aos seus argumentos nas pregações e homilias paroquianas.

> Por esta razão, quando seu capelão Anastácio atacou o uso do termo *Theotókos*, dizendo que quem nascera de Maria não fora Deus, mas a humanidade de Jesus, Nestório o apoiou. O que Nestório e Anastácio estavam atacando não era uma ideia demasiada elevada de Maria, mas a confusão entre divindade e humanidade que parecia seguir ao termo *Theotókos* (GONZÁLEZ, 1981, v. 3, p. 94).

Cristiani parece mais prolixo, todavia aparece detalhes interessantes.

> No ano em que morreu Teodoro, 428, um de seus discípulos, o padre Anastácio, trazido de Antioquia para Constantinopla, pelo novo bispo da cidade, Nestório, se inspirou em suas ideias para pregação. Falando sobre a Virgem Maria, ao povo cristão, contestou-lhes o direito de chamarem de Mãe de Deus, *Theótokos*, como já era usa fazê-lo. Nestório, para admiração dos fiéis, se pôs inteiramente ao

> lado dele, pois concordava com Anastácio, seguindo Deodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia (CRISTIANI, 1962, p. 36).

Mesmo nos dias modernos, nem todos os teólogos querem apedrejar Nestório e seus pensamentos teológicos. Berkouwer cita figuras importantes como Loofs e Polman, que, naqueles dias, não estariam dispostos a cruzarem os braços e assistirem de comando os insultos de Cirilo e sua capangagem e muito menos assinarem o documento de condenação do herético Nestório.

> Loofs, por exemplo, opina que Nestório foi condenado instantaneamente e que, nos tempos de Nicéia, ele teria sido um glorioso campeão da ortodoxia. Até mesmo ele poderia ter aceito de bom grado, a terminologia de Calcedônia. Polman, por sua vez, estima a condenação das idéias nestorianas em conjunto, como injusta e incorreta (BERKOUWER, 1964, p. 54).

A apologia teve ressonância em todos os tempos e a igreja dos primeiros séculos teve seus baluartes. Dentro do contexto da controvérsia cristológica, a heresia nestoriana ocupou e sempre ocuparão um lugar na galeria histórica da vida eclesiástica da igreja primitiva. As escolas teológicas, seus mestres e o talento do próprio Nestório não foram suficientes para convencer todos os opositores que, por interesses pessoais, por ignorância ou de maneira consciente, tentaram defender uma causa que chega aos nossos dias sem certeza de ser explorado por autoridades no assunto, devido a sua grande complexidade.

5 REFUTAÇÃO TEOLÓGICA A NESTÓRIO

Já se verificou que as rivalidades na controvérsia cristológica não eram apenas entre indivíduos, porém entre instituições. Sendo Nestório oriundo de uma escola tradicional, como era Antioquia, é óbvio que, com suas tradições e seus mestres, esta escola fosse forte antagonista do frade apologético. Portanto, a Escola de Alexandria foi opositora não só de Nestório, mas de todos quantos esposavam a causa nestoriana.

A Escola de Alexandria. “A posição das definições teológicas adaptadas por Alexandria e Antioquia diferiam não tanto na essência como em sua expressão” (Hughes, 1963, p. 48).

A Escola de Alexandria dizia-se com o direito de ser contra Nestório, graças ao que ensinava. Há “uma natureza encarnada no Logos divino” (BEHLMEYER, 1964, v. 1, p. 475). Antioquia, por sua vez, num zelo esbanjador, além de afirmar as duas naturezas, “insistia na distinção e integridade das mesmas. Assim ensinavam os chefes dessas escolas” (idem). A amarga herança dela (da controvérsia) foi o “abismo de incompreensão que se abriu entre Alexandria e Antioquia” (ibid., p. 50).

Contra fatos não há argumentos e o resultado foi que Nestório pagou o preço que nunca lhe valeu glória e sim o necrotério.

Teólogo Alexandrino. Cirilo fora aluno e era agora mestre da escola de Alexandria. Face às afrontas de Nestório e tendo o beneplácito de Roma, prepara-se para guerra com todas as possibilidades de sair vencedor.

Hodge é enfático quando afirma que Nestório teve como principal oponente a Cirilo de Alexandria, que assegurou sua consideração por meio do Concílio de Éfeso, em 431 AD (HODGE, 1964, v. 2, p. 402).

Uma das justificativas para que Cirilo não fosse simpático a Nestório estava na grande ambição pessoal alimentada por ele, de ser o maioral da igreja Católica Oriental.

> O dirigente da defecção que se originou em Alexandria foi Cirilo, bispo daquela cidade desde 412 até 444. Parece que ele era impulsionado não só por convicção teológica, mas talvez todo ou em parte inconscientemente, por ambição de ser diretor da Igreja Católica, cuja supremacia desejava para si mesmo e para sua sede, bem como de outras redes grandes, episcopais, no Oriente, Antioquia e Constantinopla, as duas ocupadas por homens que

> aceitavam pontos de vista dos quais discordava terminantemente (LATOURETTE, 1958, v. 1, p. 215).

Não é sem sobeja razão que os autores mais criteriosos emprestam ao teólogo alexandrino o título de inimigo número 1 de Nestório. Além de suas ambições ou convicções, escudava-se também na igreja e homens do século III. Um nome proeminente, por exemplo, é Orígenes.

> Também a cristologia propriamente dita, achou fórmulas que apontam para o futuro; a união das duas naturezas em Cristo, é tão estreita, que dela resulta a comunicação de idiomas; a denominação de Deus-homem (*Theantropos*) aparece nele (Orígenes) pela primeira vez, e ele sem dúvidas, preparou o termo *Theótokos* (JEDIN, 1966, v. 1, p. 52).

A linguagem de Adolph Harnack, imparcial como pareça ser, não esconde que Cirilo tinha mais interesse na desgraça de seu antagonista do que na proteção de seu dogma.

> Para ele (Cirilo), era de maior importância obter a condenação do seu inimigo mortal, Nestório, conseguida pela igreja, que preservar seu sistema dogmático puro. Assim ele subscreve o credo submetido pelos moderados antioquenos, sem, contudo, desdizer suas opiniões anteriores, e em troca disto, obteve que alguns dos cabeças do partido oposto, subretudo João de Éfeso, abandonasse Nestório (HARNACK, s/d., v. 4 e 5, p. 188).

Papa Celestino. Em Roma, estava tudo sob controle, do ponto de vista de informação quanto ao comportamento do patriarca de Constantinopla, que, sob tantos aplausos, havia tomado posse em 432. Os sermões de Nestório e seu apoio ao que dizia o pobre Anastácio (GONZÁLEZ, 1965, p. 360) levaram ao bispo de Roma importantes informações que muito preocuparam Celestino. Cirilo, de posse do farto noticiário da capital do império, parece ter sido o oponente passador das principais notícias do caso Nestório.

> Tão longo tomou conhecimento da pregação de Nestório contra o título “Mãe de Deus”, Cirilo apelou a todas as fontes ou forças que podiam ajudá-lo a obter as condenações de Nestório. Com esses recursos, Cirilo obteve o apoio de altos personagens a quem interessava mais o ouro do que teologia. Além disso, Cirilo contava com o apoio da sede romana. (...) tudo fez para que o Patriarca de Constantinopla fosse condenado por um sínodo reunido em Roma

> em agosto de 430, sob a direção do papa Celestino (ibid., p. 360, 361).

O bispo de Roma, que também apoiava Cirilo, haja vista a responsabilidade que foi de Cirilo de comunicar a Nestório que este deveria retratar-se e inclusive seus 12 anátemas que Nestório devia aceitar o mais rápido que pudesse (idem).

> Em 11 de agosto de 430 o papa escreveu ao biso de Constantinopla, comunicando-lhe que no prazo de 10 dias depois de haver recebido a carta devia abjurar por escrito de sua doutrina, sob pena de ficar excluído de comunhão da Igreja Católica (HERTLING, 1968, p. 128).

Baker mostra claramente a função de duas vantagens bem combinadas; daí crer-se que Celestino I mantinha-se alerta ao ponto doutrinário de Nestório e por isso não vacilou em condenar este, mesmo antes de Éfeso.

> As objeções doutrinárias deles (Cirilo e Celestino I) estavam baseados no sentimento de que Nestório rompia a divindade da pessoa de Cristo e separava a natureza de Cristo em humana e divina, como para negar a deidade do Cristo (BAKER, 1974, p. 75).

Assim, Nestório, sem a simpatia e a benção de papa, tornou-se objeto de primeira grandeza da glória de Celestino, Cirilo e tantos quantos não apoiaram a causa nestoriana.

Os concílios. Como já foi estudado, o primeiro concílio que acusou a Nestório, foi em Roma em 430, sob a liderança do Papa Celestino I. Outros dois Concílios, o de Éfeso em 431e o de Calcedônia em 451 tiveram papel decisivo na vida de Nestório e suas teorias. No Concílio de Éfeso, presidido por Cirilo, foi formalmente pedia a cabeça de Nestório.

> O Concílio de Éfeso, a que presidiu Cirilo de Alexandria, realizado em 431, nele goram condenadas as opiniões de Nestório, bispo de Constantinopla, que negava a Virgem Maria a denominação de Mãe de Deus, admitindo somente o título de Mãe de Cristo (ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, v. 6, p. 2713).

Os imperadores, incomodados pelas perturbações políticas eclesiásticas, foram forçados a convocar um Concílio, no qual julgavam resolver a questão de uma vez.

> Na resposta de Nestório aos 12 anátemas de Cirilo, 12 ante-anátemas foram devolvidos a este. Tudo isso criou tal impaciência da Igreja Oriental que os imperadores – Vobulirmano II e Teodósio II – convocaram o Concílio geral em Éfeso, em 7 de junho de 431 (GONZÁLEZ, 1965, p. 365).

Muiread, sem citar nomes, diz que o Concílio de Éfeso, no ano de 431, “convocado pelos dois imperadores, foi sobremodo violento” (MUIREAD, 1951, v. 1, p. 151). Nichols confirma que o “Patriarca de Constantinopla, foi condenado pela igreja e banido pelo imperador, sob acusação de heresias quanto à pessoa de Cristo (NICHOLS, 1960, p. 54).

A Enciclopédia Brasileira Mérito, vol. IV, p. 41, no assunto sobre Concílio, o autor do artigo assim se expressa: “Concílio de Éfeso. Reunido em 431, sob o pontificado de Celestino I e Teodósio, o Moço contra o nestorianismo”.

Quanto ao Concílio de Calcedônio, 451, foi “dirigido por Leão, bispo de Roma, com a colaboração, ou por intermédio de três representares de sua íntima confiança” (MUIREAD, 1951, v. 1, p. 175).

Em Calcedônia, embora a preocupação central do papa Leão fosse “conseguir a supremacia sobre as igrejas” (idem), a agenda continha uma boa dose da controvérsia nestoriana, como segue.

> O Concílio de Calcedônia pronunciou-se não só contra a separação como contra a fusão (...) definiu que Jesus Cristo é “verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem: Segundo a Divindade, consubstancial ao Pai, segundo a humanidade, consubstancial a nós”. Quanto à relação entre ambas as naturezas, definiu que elas estão unidas “sem mistura, sem modificação, sem divisão e sem separação”, conservando cada qual, na união, a sua própria especificidade (BERKOUWER, 1964, p. 55).

6 NESTÓRIO E A CRISTOLOGIA ATUAL

O pensamento da cristologia atual não mudou tanto em relação à cristologia controvertida nos primeiros séculos da igreja, e muito menos é tão diferente do pensamento ortodoxo, principalmente dos escritores católicos que surgiram ao longo da estrada, que margeia a história eclesiástica em todos os lances épicos de sua existência.

Nos enfoques teológicos do momento, católicos e protestantes, sendo aqueles mais radicais que estes, o problema de Nestório assume uma conotação de sentido mais mariológico do que mesmo cristológico. Tem natureza farta a safra de obras que enaltecem Maria, nascida no solo fértil das mentes conservadores, que, seguindo os pais da igreja ou por convicções adquiridas através das tradições católicas, enchem o mercado de livros que satisfazem tanto os pesquisadores sérios como a curiosos e simpáticos voluntários estudantes do assunto em pauta.

Neste capítulo, Nestório seria avaliado do ponto de vista que envolve a cristologia atual no pensamento católico e protestante, sendo que, ao lado dos protestantes, é de bom alvitre conhecer o que pensam os Adventistas do Sétimo Dia.

6.1 Pensamento Católico

Sabe-se que quando se fala de um teólogo ortodoxo não significa que a reportagem esteja num prestígio tão distante, que se venha a pensar nos Pais da Igreja. Não, não é isso, pois mesmo no século das luzes, a ortodoxia mantém-se de pé com olhar sobranceiro e segura como segue:

> Alguns teólogos ortodoxos chegam, em sua interpretação cristológica da *Theotokos*, a defender também a tese de que “a encarnação” é não apenas a união das duas naturezas numa só hipótese, mas é também a união das duas hipóteses numa só natureza, porque Cristo não trouxe do Céu sua natureza humana nem a criou da terra como algo novo, mas a tomou da carne e do sangue da puríssima virgem Maria (KUNG; MOLTMANN; NISSIOTIS, 1983, p. 50).

É contundente a parte final da declaração supra. Não fica sombra de dúvida de que Cristo não tenha toado sua natureza humana da também humana Virgem

Maria. Com maior veemência, a mesma fonte admite que Maria, além de títulos que recebe, não pode ser excluída da atividade divina, isso em termo de própria economia.

> *Theotókos*, Mãe de Deus, e *Panhagia*, Toda Santa, os ortodoxos (católicos) empregam abundantemente estes dois títulos, de maneira quase exclusiva, para assegurar o exato lugar de Maria na economia divina e na comunidade eclesial. (...) Em outras palavras, o tempo *Theotókos* e *Panhagia* não permitem facilmente separar Maria do Povo de Deus e levá-la à esfera da glória celestial unicamente como Madona coroada (ibid., p. 47, 48).

Embora não esteja expressa diretamente a preocupação com Nestório, do exposto fica suficientemente entendido que os pensamentos nestorianos continuam sendo rechaçados. Quanto à encarnação, natureza e pessoas de Cristo, o Pe. José Comblun, figura Católica bastante lida e comentada no contexto da teologia atual, comenta o seguinte em João 1:14.

> O enviado de Deus se fez carne, diz o prólogo do Evangelho. Esta – a encarnação – não significa o que aconteceu no momento da conceição. Pois a vida do Filho na carne é uma operação permanente. A – Palavra – se fez carne em todos os momentos da vida de Jesus. A – encarnação – inclui naturalmente aquilo que o Concílio de Calcedônia destacou como a expressão da união de duas naturezas numa só pessoa (COMBLIN, 1979, p. 37).

Sente-se que o movimento ecumênico moderno, à guisa de chamariz dos irmãos separados como dizia a igreja católica, está suavizando certas declarações sobre divindade no caso de Maria substituindo-as por “teorias antropológicas conjeturais” (KUNG; MOLMANN; NISSIOTIS, 1983, p. 82, 85).

Embora se constitua manto pardo aos olhos dos estudiosos, o assunto em discussão tem sido agendado num dos mais discutidos e comentados eventos católicos, o Concílio Vaticano II. Isso leva qualquer mente esclarecida a entender que, embora as cores do problema mudem de acordo com a política eclesiástica, a essência continua a mesma, todavia.

> O Concílio Vaticano II decidia pelo voto de 29.10.1963 (1114 contra 1074) inserir o seu discurso sobre Maria na Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumem Gentium). O último capítulo a LG considera Maria Deipara no ministério de Cristo e da Igreja. A ótica nitidamente

> cristocêntrica e as funções atribuídas a Maria e a Igreja (LG 53-61) (idem).

No contexto de encarnação, se Nestório ouvisse certas declarações alusivas a Maria, sem dúvida seus ânimos se tornariam mais acirrados do que em seus dias. Naturalmente não é comportamento de todo bom católico, no entanto, alguns escritos católicos assumem posição exageradamente radical quanto a Maria e, em consequência, à encarnação do Filho de Deus, é o coro do Dr. Liguari.

> E já que a Virgem foi e sempre há de ser muito querida por Deus, se a ela recorrermos, certamente acharemos a graça. A própria Mãe de Deus garante-nos, nos Sagrados Cânticos, que Deus a pôs no mundo para ser a nossa defesa e por isso também está constituída medianeira de paz entre Deus e os pecadores (LIGUARI, 1957, p. 56).

Como não bastasse a inclusão de Maria na solução dos problemas pessoais dos homens, ela é também incluída na economia divina, com prerrogativas que nunca uma criatura humana recebeu.

> Ó Maria, Mãe de Deus, abre-nos as portas da vossa misericórdia, rogai sempre por nós, pois são vossas preces salvação de todos os homens. Recorrendo a Maria, o melhor será pedir-lhe que rogue por nós e nos obtenha aquelas graças que reconhece mais convenientes a nossa salvação (ibid., p. 251).

Assim é que Nestório se encontra no contexto da Cristologia atual no pensamento católico. Não é arriscado dizer que a exceção é intima.

Sheed, em sua *Teologia y Sensatez*, afirma que além do espaço, Deus escolheu o tempo para se tornar homem.

> O Filho era uma pessoa, um alguém, possuidor da natureza divina em sua totalidade e na eternidade do ser divino. Em determinado tempo se tomou a si mesmo e se fez sua própria natureza humana. Temos, assim, o único exemplo de uma pessoa só com duas naturezas distintas, uma divina e outra humana (SHEED, 1961, p. 211).

6.2 Pensamento Protestante

Os estudiosos do mundo protestante, com poucas fugas, analisam as atitudes de Nestório por um ângulo mais ou menos uniforme. Nestório, segundo eles, olhava o problema das naturezas e pessoas de Cristo mais pelo lado mariológico do que pelo cristológico. Parecia que o monge temesse uma deificação de Maria e, com isso, a visibilidade dos cristãos fosse opaca no que diz respeito ao Deus Criador e Mantenedor de todo Universo. Berkower, comentando Bruce, deixa bem clara essa preocupação e ele mesmo, Berkower, tem medo do qualificativo “Mãe de Deus”.

> Confirma Bruce, Nestório via um perigo na designação de Maria com Mãe de Deus. A atitude de muitos protestantes pode ser comprovada com a de Nestório; por esta razão, cumpre tomar muito a sério a acusação católica-romana e considerá-la com gravidade. Inclino-me a pensar que nossa aversão pelo qualitativo ‘Mãe de Deus’ está intimamente ligada ao desenvolvimento mariológico da teologia católica (BERKOWER, 1964, p. 218).

Na opinião dos pesquisadores da teoria de Nestório, o seu grande problema era não saber explicar as funções das duas naturezas, divina e humana, hipostaticamente numa só pessoa. Por isso chegava a extremos, como diz o Sr. Langston em sua Teologia Sistemática.

> Ele (Nestório) atribuía a Cristo duas partes ou divisões, uma humana, outra divina. Quando Jesus estava dormindo, por exemplo, era a parte humana que dormia. Mas quando acordava e repreendia os ventos, era a parte divina que estava em ação. Assim explicava Nestório a Pessoa de Jesus. Esta ideia, logo se vê, é muito errônea (LANGSTON, 1940, p. 223).

Ficou claro que para ele há parcelamento nas operações de Jesus, e isso nunca convenceu os estudiosos da Bíblia e muito menos aqueles que faziam torcida pela condenação de Nestório.

A união destas naturezas numa só pessoa tem sido explicada e avaliada de forma tal que não deixa dúvidas ao investigador da Cristologia.

> As escrituras representam Jesus Cristo como uma só pessoa em que se unem as duas naturezas, divina e humana, e cada uma delas perfeita, quanto à essência, quanto aos seus atributos. Estas duas

> naturezas, inseparavelmente unidas numa só personalidade divino-humana, constituem para nós um mistério (ibid., p. 227).

Langston acertadamente afirma, como outros já o fizeram, e farão todos quantos examinarem o assunto, que a encarnação de Jesus Cristo estabelece limites aos pretensos desvendadores do celestial ministério que é Deus se fazendo homem, vivendo com os homens e continuar sendo Deus. “Grande é o mistério da encarnação” (1Tm 3:16).

6.3 Pensamento dos Adventistas do 7º Dia

A Igreja Adventista do 7º Dia não se distancia do pensamento geral daqueles que tomam a encarnação do Verbo como além de dádiva, um milagre e um mistério. Não dispondo de uma teologia que tenha seu nome como marca registrada, mas baseada na teologia da própria Bíblia, seu comportamento quanto ao problema cristológico não parece perturbar o rumo de orientação doutrinária de que dispõe.

> Jesus Cristo nosso Senhor foi uma união milagrosa da natureza divina com nossa natureza humana. Ele foi o Filho do Homem enquanto esteve aqui em carne, porém Ele foi também o Filho de Deus. O mistério da encarnação é expressado clara e definitivamente nas Escrituras (QUESTIONS ON DOCTRINE, s/d., p. 53).

Os adventistas parecem se preocupar tanto com o assunto cristológico no que tange à humanidade e divindade de Cristo que, quando comentam isso, fazem questão de que todo o embasamento seja bíblico, evitando emitir conceitos próprios que os desviem da verdadeira teologia. Quando falam do propósito da encarnação, o argumento bíblico é bastante comprobatório colocando em evidência tanto o Antigo como o Novo Testamento.

O propósito da encarnação do Filho do Deus. Sumário de seis razões porque Cristo veio à Terra na forma humana.

1. Ele veio revelar Deus ao mundo (Jo 1:14, 18; 3:1-26; 17:26; 1Jo 1:2 e 4:9).

2. Ele veio unir Deus aos homens (Jo 1:51; Gn 28:12; Mt 1:23 e 1Pd 3:18).

3. Ele veio identificar-Se com o homem pelo nome. É chamado Filho do Homem (Lc 19:10) – aparece 77 vezes nos evangelhos, como em Lucas.

4. Ele veio tirar os pecados da humanidade (Is 53:6, 11; Jo 1:29; 1Pd 2:24).

5. Ele veio morrer em nosso lugar (Is 53:5-10; Mt 26:28; Rm 5:6-10).

6. Ele veio destruir o Diabo e suas obras (Jo 12:31; Hb 2:14; 1Jo 3:8) (ibid., p. 64, 65).

Os adventistas pregam a Palavra inspirada e a Palavra encarnada como colunas de sua Fé.

> A Palavra inspirada e a Palavra encarnada, ou a Palavra feita carne, são duas colunas na fé dos Adventistas do Sétimo Dia, em comum acordo com todas as verdades cristãs. Nossa inteira esperança de salvação repousa nestas duas imutáveis provisões de Deus (ibid., p. 50).

Ellen G. White, escritora adventista, declara que a divindade de Cristo "ocultou-se na humanidade – a glória invisível na visível forma humana" (WHITE, 1965, p. 15). Acrescenta ainda que Cristo como homem deu exemplo de obediência e "como Filho de Deus dá-nos poder para obedecer" (ibid., p. 16).

"Para que pudéssemos familiarizar-nos com Sua vida e caráter divinos, tomou Cristo nossa natureza e habitou entre nós. A divindade foi revelada na humanidade, a glória invisível na visível forma humana" (ibid., 1989, p. 17).

O conceituado Comentário Bíblico Adventista, comentando a controvérsia nestoriana, dá a colocação que Nestório faz de Maria e em seguida emite seu parecer. "Ela foi a rocha da qual o deificado corpo de Deus-Logos foi tirado" (NEUFELD; NEUFFER, 1962, p. 606).

Como membro da família humana, Ele (Jesus Cristo) foi mortal; todavia, como um Deus, Ele foi a fonte de vida para este mundo (QUESTIONS ON DOCTRINE, s/d., p. 56).

O Dr. Raul Dederen, professor de Cristologia da Universidade Andrews, nos Estados Unidos da América do Norte, em sua recente obra, *Cristologia*, comenta a posição de E.G. White quanto à humanidade de Cristo, o Filho de Deus.

> Quando Jesus tomou a natureza humana, e Se tornou semelhante ao homem, possuía todo o organismo humano. Suas necessidades eram as necessidades de um homem. Enquanto Ele trabalhava, na infância e na mocidade, iam-se-lhe desenvolvendo a mente e o corpo (DEDEREN, 1984, p. 28).

Na mesma obra supra citada, o Dr. Dederen faz referência a uma carta, em que Ellen White responde ao consulente chamado W. Baker, onde aconselha excessivo cuidado ao apresentar a natureza humana de Cristo e acrescenta:

“Percebo que há perigo na abordagem de assuntos que tratam da humanidade do Filho de Deus” (ibid., p. 117, 118).

Com suas próprias palavras, o professor Dederen reforça a advertência de E. G. White:

> Precisamos da devida atenção a esta advertência, dada tão energicamente, longe esteja de qualquer um de nós dogmatizar co tal inflexibilidade sobre este termo, que venhamos a faltar com o devido respeito as opiniões de outros, tratando seus esforços intelectuais depreciativamente, ou pior, relegar claramente um tema que será motivo de estudo pelos salvos por toda a eternidade (idem).

Na conclusão do pensamento adventista, é possível deduzir-se que não há paixão pelo problema controvertido quanto a Maria e à vida encarnada de nosso Senhor Jesus Cristo; no entanto, quando o assunto é discutido, é fácil notar-se que, como fonte, quer direta ou indiretamente, a Bíblia ocupa lugar prioritário em todas as considerações.

7 CONCLUSÃO

Ao longo do que foi pesquisado, estudado e analisado sobre o problema de Nestório e sua controvérsia cristológica, o autor desse trabalho, para provocar fixação e assimilação do problema, acha proveitoso, prudente e esclarecedor um breve seminário pré-conclusivo daquilo que foi pesquisado e comentado.

Quem era Nestório? Embora haja farta informação sobre Nestório e seu problema cristológico, não há dados ricos sobre sua filiação. Sua educação e vida religiosa foram oriundas de instituições católicas e de mestres de igual formação. Ao abraçar o ministério religioso, mostrou ter personalidade forte e contundente, tendo, em consequência de seus pontos de vista irredutíveis, adquirido gratuitamente um visceral inimigo que lhe fez uma oposição teológica importante e gozava de grande apreciação do bispo de Roma – era Cirilo de Alexandria. É bem verdade que o nestorianismo ganhou alguma expansão; todavia, seu autor teve como salário o ostracismo e morte de exílio.

Naturezas e Pessoas de Cristo. Em realidade, a labareda do caso Nestório inflamou-se bastante quando, num zelo excessivo, ele concluiu que se Cristo era Deus, não podia ter saído de uma criatura – a Virgem Maria. Não aceitou a *Theotókos*, e pregava abertamente *Christotókos*.

Argumentou que o Criador não podia ser nascido de quem foi criado. Quanto a Cristo, sustentou a distinção das duas naturezas e das duas pessoas; estas pessoas agindo distintamente.

Quem o Apoiaria. Embora limitada por oposição teológica e força política-religiosa, a Escola de Antioquia pretendeu ser responsável, juntamente com seus mestres, Deodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia. Seu prestígio (de Nestório) junto a Constantinopla e seu intrépido comportamento pareciam valer-lhe proteção. Tudo não passou de esperança vazia; seu barco frágil submergiu nas parcelas de um oceano de conturbados dias.

Contra Força Não Há Argumento. Foi isso mesmo o que aconteceu. Combatendo a teoria de Nestório, a qual não custou muito ir parar no listão de heresias, uma tremenda força contemporânea arremessou-se sobre o Patriarca. A Escola de Alexandria e marcadamente Cirilo, mestre dessa escola, fizeram jogo cerrado na controvérsia cristológica. Além de comprovada contribuição do Papa Celestino I, do Sínodo de Roma em 430 e do Concílio de Éfeso em 431, em cuja

agenda constou e consumou-se a condenação de Nestório, o imperador Teodósio II deu o tiro de misericórdia, fazendo Nestório sucumbir com toda estrepitosa argumentação.

O Contexto da Cristologia Atual. No contexto atual da teologia, Nestório é estudado dentro do pensamento católico, protestante e adventista. No primeiro, descobre-se facilmente que o problema mariológico parece ser a razão central no caso nestoriano. À exceção do Concílio de Nicéia, em 325, que declarou a total humanidade e total divindade de Cristo, assim como fez Caldedônia em 451, Maria era o ponto focal das atenções com declarações a comprometeram bastante ao lado da economia divina, definindo-a como medianeira do pecador, para integrá-la no plano da salvação.

Quanto aos protestantes, se prendem realmente ao problema da Encarnação, porém não escondem um rasgo de razão que Nestório teria que rejeitar a *Theotókos* para salvaguardar a integridade de Cristo deificado.

Os Adventistas do Sétimo Dia não se preocupam tanto com o conflito Nestório; no entanto, emitem sua proposição, e que é muito peculiar, com total embasamento bíblico. Evitam comentar polemicamente a situação de Maria, e sobre a pessoa de Jesus, aceitam sua Encarnação, não como um acidente, porém, como um plano divino, como providência para resolver o problema do pecado do homem.

Conclusões Finais do Autor. Concluída a investigação e analisada a definição do problema cristológico de Nestório, resta-nos esboçarmos as conclusões pessoais, inspirados na exaustiva pesquisa desde a própria pessoa de Nestório, seu comportamento como líder religioso e as consequências assumidas por ele.

Um problema, obviamente, não surge sem que suas raízes estejam em alguém que o alimente com o adubo de sua personalidade. Na cristologia nestoriana, é evidente o extravasamento de sua conduta impulsiva e personalidade intransigente e agressiva.

> Nestório não era desprovido de boas qualidades, mas era ao mesmo tempo intolerante, prepotente e impulsivo; perseguia energicamente hereges e judeus, mas acolhera sob sua proteção os pelagianos expulsos do Ocidente, o que muito desagradou a Roma (BIHLMEYER; TUECHE, 1964, v. 1, p. 275).

Visto que neste trabalho, os que se envolveram com a questão Nestório ficaram conhecidos, quer como defensores, quer como acusadores, o autor pede

vênia para não posicionar mais sobre pessoas ou organizações e expressa o que conclui do presente estudo.

O homem atual não pode encontrar resposta para suas investigações quando se trata da esfera celestial. Especulações sobre os atos da divindade quando feitas sem o auxílio da Palavra inspirada poderão trazer danos de grandes proporções. Acertadamente, Domenico Grasso fala do obstáculo que o homem encontra quando usa sua própria força para interpretar os assuntos de Deus.

> O homem pode só com suas forças, alcançar o conhecimento de Deus, necessário para equacionar sua vida; mas na atuação desta sua capacidade, encontra tais e tamanhas dificuldades que só uma revelação divina poderá ajudá-lo a superá-las. As coisas divinas, para serem conhecidas por todos, com certeza e rapidez, devem ser ensinadas pelo próprio Deus diretamente ou mediante um mensageiro Seu (GRASSO, 1967, p. 35).

Assim sendo, para alcançarmos o conhecimento sobre humanidade e divindade de Logos, temos de nos submeter aos ensinos contidos na Palavra e deixar que ela fale aos nossos corações. No prólogo do Quarto Evangelho, o apóstolo do amor nos apresenta Jesus, o Logos, como a Palavra viva e ativa no meio dos homens. Entendemos, sem especulações, que Deus Se fez carne e habitou entre nós (João 1:14).

Este verbo ativo, para pertencer à família humana, escolheu também um veículo humano da pessoa da bem-aventurada Virgem Maria, vaso preparado por Deus para ser a mão de Alguém que, como um mundo da família humana, “foi mortal, porém, como um Deus, Ele foi a fonte de vida para o mundo” (QUESTIONS ON DOCTRINE, s/d., p. 56).

Jesus Cristo deve ser aceito como “um que, como nós em tudo foi tentado, mas sem pecado” (Hb 4:15).

Sua missão, que foi a missão do Pai, ostentava o propósito do homem voltar para Deus, e o meio era somente através de uma reconciliação, a qual Cristo efetuou completamente através de Seu ministério.

Pelo equilíbrio escriturístico dos Adventistas do 7º Dia, e a não paixão polemista nos assuntos que a Bíblia diz ser mistério, acreditamos ser eles portadores das melhores colocações quanto às heresias do monge da Escola de Antioquia, Nestório.

Cremos que “Cristo ascendeu ao Céu, levando uma humanidade santa e imaculada. Levou essa humanidade consigo para as cortes celestiais, e a reterá através dos séculos eternos, como único que redimiu a cada ser humano na cidade de Deus” (DEDEREN, 1984, p. 27).

BIBLIOGRAFIA

A Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Nova Vida, 1981.

BAILLIE, D. M. **Deus Estava em Cristo**. São Paulo: ASTE, 1964.

BAKER, Robert A. **Compêndio de História Cristiana.** Texas: Casa Publicadora Bautista de Publicaciones, 1974.

BEHLMEYER, Karl; TUECHLE, Hermann. **História da Igreja.** São Paulo: Edições Paulinas, 1964, 3v.

BERKHOF, L. **Teologia Sistemática.** Michigan: Publicaciones T. E. L. L., 1969.

BERKOWER, G. C. **A Pessoa de Cristo.** São Paulo: ASTE, 1964.

COMBLIN, José. **O Enviado do Pai.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1979.

COZENS, M. L. **Manual de Heresias**. Barcelona, Espanha: Editora Herder, 1964.

CRISTIANI, Monsenhor. **Breve História das Heresias.** São Paulo: Editora Flamboyant, 1962.

DAVIES, J. G. **As Origens do Cristianismo**. Lisboa, Portugal: Editora Arcadia Limitada, 1967.

DEDEREN, Raul. **Cristologia**. São Paulo: Gráfica do Instituto Adventista de Ensino, 1984.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO SALVAT. Rio de Janeiro: SALVAT Editores, 1954, 12v.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO. São Paulo: Editora Mérito S.A., 1961, 20v.

ENCICLOPEDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Editor, s/d., 20v.

ENCICLOPÉDIA LABOR. Rio de Janeiro: Editora Labor. S.A., s/d., 10v.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Companhia Melhoramento de São Paulo, Indústria de Papel, 1975, 20v.

GONZÁLEZ, Justo L. **A Era das Trevas**. São Paulo: Sociedade Religiosa. Edição Vida Nova, 1981.

_____. **História Del Pensamento Cristianismo**. Buenos Aires: Metho Press Editorial, 1965.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA BRASILEIRA. Lisboa: Editorial Enciclopedia Limitada, s/d., 40v.

GRASSO, Domênico. **O Problema de Cristo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

HARNACK, Adollph. **History of Dogma.** New York: Dover Publicaciones Inc. s/d., 7v.

HERTLING, Ludwig. **História de la Iglesia**. Barcelona, Espanha: Editorial Herder, 1961.

HORDGE, Charles. **Systematic Theology**. Michigan: W. M Eerdmans Publishing Co., 1964.

HUGHOES, Philip. **Sintesis de História de la Iglesia**. Barcelona, Espanha: Barcelona Editorial, 1963.

JEDIM, Hubert. **Manual de História de la Iglesia**. Barcelona, Espanha: Editorial Herder, 1966.

KUNG, H.; MOLTMANN, J.; NISSIOTIS, N. **Maria nas Igrejas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983.

LANGSTON, A. B. **Esboço de Teologia Systemática**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

LATOURETTE, Kennet Seott. **Historia Del Cristianismo**. El Passo, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1958, 2v.

LIGUARI, S. Afonso Maria. **Glórias de Maria Santíssima**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1957.

LISA-GRANDE DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: LISA - livros Irradiantes S.A., 1970, 5v.

LLORCA, Bernardino. **Nueva Vision de la Historia Del Cristianismo**. 2 vols. Barcelona, Espanha: Editorial Labor, 1956, 2v.

MUIREAD, H. H. **O Cristianismo Através dos Séculos**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951, 3v.

NEUFELD, Don E., NEUFFER, Júlio. **Source Book**. Washington D.C.: Review and Herald, Publishing Association, 1962.

NICENE AND POST – NICENE FATHER OF CHRISTIAN CHURCH. Grand Rapids, Michigan: Under the Editorial de Phulip Schaff and Henry Woce, W. M. B. Eerdmns, Publishing Company, 1955, 14v.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1960.

OTT, Ludwig. **Manual de Teologia Dogmática**. Barcelona, Espanha: Editorial Herder, 1966.

PEORLMAN, Myer. **Teologia Bíblica y Sistemática**. Miami, Flórida: Editorial Vida, 1977.

QUESTION ON DOUCTRINE. Washington DC: Review and Herald, Publishing Association, s/d.

SCHAFF-HERZOG. **Encyclopedia of Religious Knowledge.** New York: Funk and Wagnalls Co., 1981.

_____.. **The New Encyclopedia of Religious Knowledge.** Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1953, 3v.

SHEED, F. J. **Teologia y Sensatez**. Barcelona, Espanha: Barcelona Editorial Herder, 1961.

STELLA, Jorge Bertaloso. **Heresias na História Religiosa**. São Bernardo do Campo São Paulo: Imprensa Metodista, s/d.

STRONG, Augustus Hopkins. **Systematic Theology**. Chicago: The Judson Press, 1964.

THE ENCYCLOPEDIA BRITANICA. 24 vols, Chicago: First Pub. In 1978, by Associety of Gentleman in Scoltando, Encyclopedia Britanica Inc: 1972.

TUDO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações**. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1965.

_____. **Parábolas de Jesus**. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1980.